

1154-60

## Simplesmente...

Em frente dos meus olhos, ela passa  
Toda negra de crêpes lutuosos.

Os seus passos são leves, vigorosos;  
No seu perfil ha distinção, ha raça.

Paris. Inverno e sol. Tarde gentil.

Crianças chibreantes deslizando...

Eu perco o meu olhar de quando em quando,  
Olhando o azul, sorrendo o ar de abril.

... Agora sigo a sua silhueta  
Até desapar'cer no boulevard,  
E eu que não sou nem nunca fui poeta,  
Estes versos começo a meditar.

Perfil perdido... Imaginariamente,

Vou conhecendo a sua vida inteira.

Sai que é honesta, sim, trabalhadeira,  
E que o pai lhe morreu recentemente.

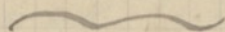
(Est! como nesse instante a invejei,  
Olhando a minha vida deploravel —  
A ela, que era energica e prestavel,  
Eu, que até hoje nunca trabalhei !...)

A dôr foi muito, muito grande. Emtanto  
Ela e a mãe souberam resistir.  
Nunca devemos succumbir ao pranto;  
E' preciso ter força e reagir.

Ai daqueles — os fracos — que sentindo  
Perdido o seu amparo, o seu amor,  
Caem por terra, escravos duma dôr  
Que é apenas o fim dum sonho lindo.

Elas trabalham. Têm confiança.  
Se ás vezes o seu pranto é mal retido,  
Em breve seca, e volta-lhes a esperança  
Com a alegria do dever cumprido.

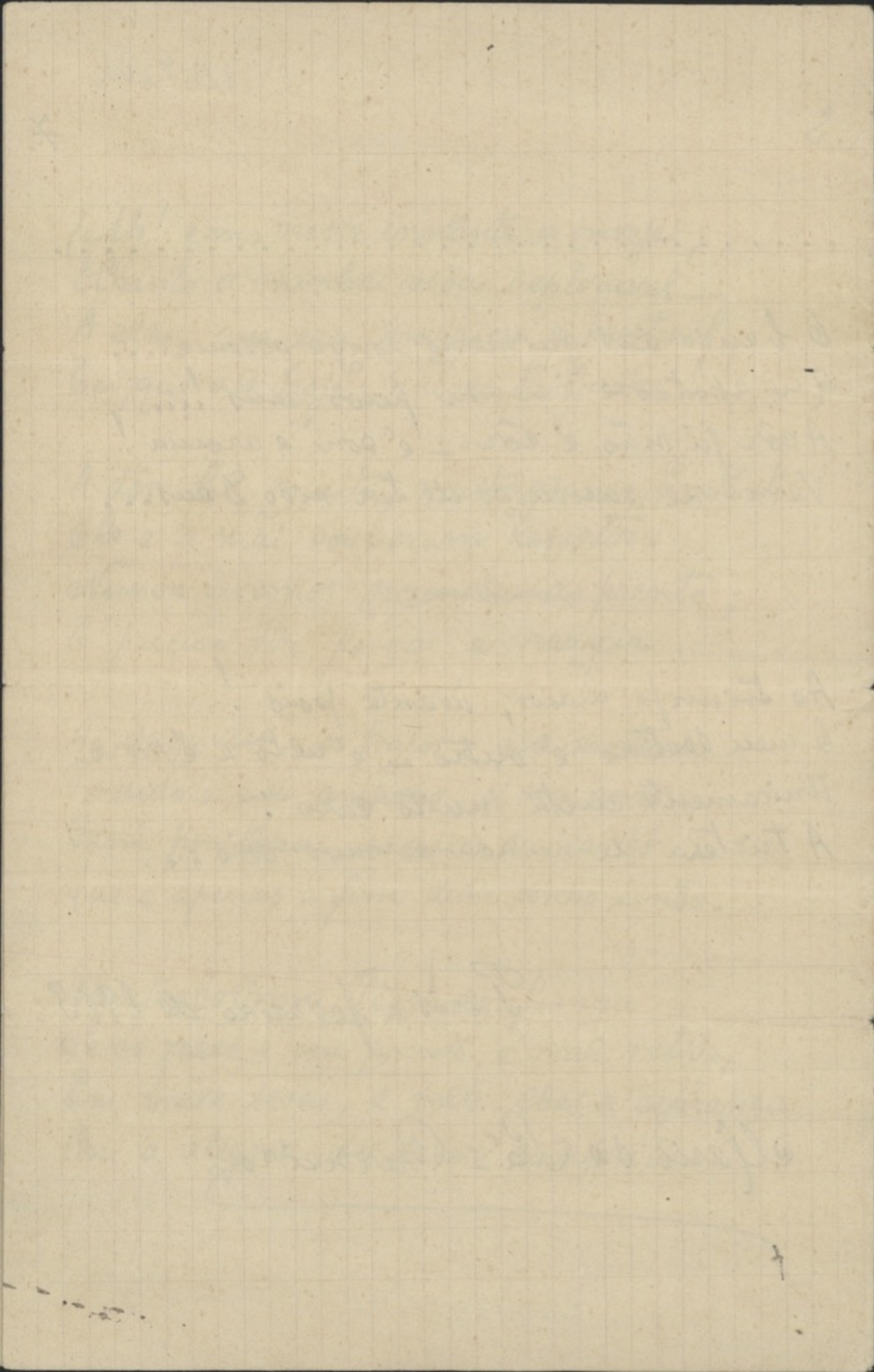
... ..  
6 bando des quimeras longe assoua...  
Que apoteose imensa pelos ceus !...  
A côr já não é côr - é som e aroma !  
Vem-me saudades de ter sido Deus...



Ao triunfo maior, àvante pois !  
6 meu destino é outro - é alto e é raro.  
Unicamente custa muito caro :  
A tristeza de nunca permos dois...

Paris - fevereiro de 1913.

Alfaro de Sá - Carneiro



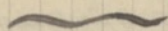
Assim vai suscitando, em fantasia,  
Uma existencia calma e santa e nobre.  
Toda a ventura duma vida pobre  
Eu compreendo neste fim de dia:

Para um bairro longinquo e salutar,  
Uma casa modesta e socegada;  
Pei divisoões (a renda é limitada),  
Ellas que gentil salinha de jantar...

Alegre, confortavel e pequena;  
Moeis ateis, pensatos e garridos...  
Tela janella são jardins floridos  
E a serpente aquatica do Sena.

Respira-se um aroma a gentilresa  
No jarro das flores, sobre o fogão.  
Quem as dispôs em tanta devoção,  
Foram dedos de noiva, com certexa.

Ai que bem estar, ai que serenidade...  
 A fé robusta dispersou a dôr...  
 e aquela vida faz calor e amor,  
 E tudo nela é paz, simplicidade!



Sinto quasi desejos de fugir  
 Ao misterio que é meu e me seduz.  
 Contenho-me porem. A sua luz,  
 Não ha muitos que a saibam reflectir.

A minha alma nostalgica de alem,  
 Cheia de orgueho, ensonbra-se entretanto.  
 Aos meus olhos ungidos sobe um pranto  
 Que tenho a força de evitar tambem.

Pei reagir. A vida, a natureza,  
 Que valem p'ro artista? Coisa alguma.  
 E que devemos é saltar na bruma,  
 Correr no azul á busca da beleza.

É subir, é subir além dos ceus  
 Que as nossas almas só acumularam,  
 É prostrados rezar, em sonho, ao Deus  
 Que as nossas mãos d'áurea lá' doraram.

É partir sem temor contra a montanha,  
 Cingidos de quimera e d'irreal;  
 Brandir a espada fulva e medieval,  
 A cada aurora acastelando em Epenha.

É suscitar as côr's endoidecidas,  
 É ser garra imp'rial enclavinhada,  
 É numa extrema-união d'alma ampliada,  
 Viajar outros sentidos, outras vidas.

Ser coluna de fumo, astro perdido,  
 Forçar os turbilhões aladamente,  
 Ser ramo de palmeira, água nascente,  
 É arco d'ouro e chama distendido...

Asa longinqua a sacudir loucura,  
 Nuvem precoce de subtil vapor,  
 Ansia revôlta de misterio e oloz,  
 Sombra, vertigem, ascensão — Altura!

É eu sou-me todo neste fim de tarde  
 A'espira aerea que me ascende aos cumes.  
 Doído d'esfinges, o horizonte arde,  
 ellas fico ibeto entre clarões e quimes!...

elliragum roxa de nimbado encanto —  
 Pinto os meus olhos a volver-se em espaço!  
 Alastro, venço, chego e ultrapasso,  
 Sou labirinto, sou licorne e acanto!

Sei a distancia, compreendo o ar;  
 Sou chuva d'ouro e sou espasmo de luz;  
 Sou taça de cristal lançada ao mar,  
 Diadema e timbre, elmo rial e cruz!...

.....

LA RÉGENCE

CAFÉ RESTAURANT

PLACE DU THÉÂTRE FRANÇAIS

161-163, Rue Saint-Honoré

TÉLÉPHONE

PARIS, PROVINCE ÉTRANGER

239-58



Monsieur

Fernando Pessoa

45-45417A

24, rua de Passos Manuel

Saúcar - esq.

Portugal.

Lisbonne

Resp. 7/3/13.



Paris - fevereiro de 1913  
 dia 26

Meu querido amigo,

Eu aviso-o d'antemão que isto vai ser uma  
 catastrophe! Uma carta sem fim, quero  
 dizer. Toca a apertar a letra por causa da  
 fraqueza.

Vai junto uma poesia. Peço-lhe que a  
 leia ao chegar a este ponto, avisando-o uni-  
 camente que não se apegue nem em o  
 título nem com as primeiras quadras  
naturais. A poesia, ao meio, vira em  
 parábola para outras regiões. Peço-lhe  
 que a leia já porque é mais fácil desfiar  
 o que sobre ela escrevero agora. Mas  
 não para não tomar conhecimento dela já  
 desflorada pelas citações que vou fazer. Aqui  
 é que é a leitura .....

Eu gosto dos versos que o meu amigo  
 teve a pachorra de acabar de ler. São

deles sou importante, não os amo - gosto, apenas - porque, por valores que sejam não são veros essenciais por um poeta. Logo, são mais veros.

Se gosto deles é por o refreio - encontro os verdadeiros. O crepusculo que ainda nos prende à terra - àquele que tocamos - e um fausto sentir um vago pesar pela facilidade - por é fácil e quente e concisa: «aquela vida faz calor e amor». Alas logo a razão em face do triunfo maior - a carreira ao ideal. Há alto, sempre mais alto. Vida e arte, no artista confundem-se, indistinctamente. Há a última quadra «A tristeza de nunca termos sido» que é a expressão materiada, da agonia da nossa gloria, dada por conspiração. Eu explico melhor. A minha vida «despreendida», livre, orgulhosa, «farouche», diferente muito da normal, apraz-me e envaldece-me. E o tanto em face do que tem família e amor banalmente, simplesmente, «diária».

o choque. Liricamente a minha  
poesia pode-se representar assim:

isto é: Vem do  
real, tem um influxo  
perturbada e fugitiva para o irreal, tendo  
longinquamente nova influxo para  
o real, impossível porém faz de a  
atrair. (Princípios)

Uma nota: O meu livro cahe  
na arte que eu acumulo. Apesar  
do erro das digressões e da realidade  
da forma, explora, não infinito,  
mas loucura — que é um outro  
infinito. É a língua a  
saber dizer loucura, nurem prece  
do subtil vapor, se não haja  
outros sentidos. Mais, ampliação  
completa ha numa das areas meus  
valerosos do livro: "pagina de um  
suicida". É justamente alguém  
que a força quer partir para  
o desconhecido — a morte. Esta "justifica-  
ção" é uma coquettonie que você

perdoar. Mas não acha que é verdade o que eu digo? Mesmo o Mario Beirão observou-me isto quando me disse as suas impressões sobre o meu volume.

Rogo encarecidamente que me responda muito breve, mas resumidamente, sobre a impressão sobre os versos. Far-me-isto, sim? E é fico curioso pela sua opinião.

Ir p<sup>a</sup> a Algarve, onde já talvez che- firenzeheim. Mas se for não se esqueça de me dizer p<sup>a</sup> eu saber onde che- dirigir as m/cartas. O Ramon já surgiu por Lx<sup>a</sup>?

Desculpe-me, creia na minha estima e admiração por si e pelas suas obras e conte-me no no n<sup>o</sup> dos seus maiores amigos.

Mu grande, grande abraço.

Pa<sup>o</sup> - Carneiro

Resposta Breve!!...

50, rua dos Ecos.

mente, em face dos que enduam pelo braço  
 uma companheira gentil e cavalgam os  
 carrouséis, eu sinto mto az uma  
 saudade. Mas olho para cima. Acho-me  
 mais belo. E a minha vida continua.  
 Foi bem esses, o arte de vida da  
natureza está a cultivar a arte diária  
uma coisa encilhante ao custo das rigas a vida diária.  
 radior e grande o belo; mas custa-  
 «A história de nunca sermos dois». Eu  
 preendo bem o que eu quero dizer? Eis  
 pelo que fechei a porta com essa quadra  
 aparentemente frondea e impropria.  
 Há veros que me agradam muito, porq  
 me encontram a eles. Assim «viajar outros  
 sentidos, outras vidas, numa extrema an-  
 gsa, d'alma ampliada» é simplesmente  
 o homem do sonho. está acha? / Está me  
a achar é mto força instinto. Perde. E pelo  
 orgulho desmedido gosto do verso «Vem-lhe  
 saudades de ter sido Deus». Isto é: em  
 face do tarhikão de maravilhas em  
 que o meu espirito se lança: eu quasi  
 julgo que um dia fui Deus - e de me

meu estado me vêm saudades - como se  
na verdade o tivessem sido. Peço. e que  
leia com a atenção maxime as quebras  
da 2ª parte. Todas as palavras foram a propósito.  
Não ha de a verbor de eueker. Animo este  
verso: «Por labirinto, eon licorne e  
acanto, aparentemente disparatado,  
não é atendendo que licorne é um  
animal heráldico e fantástico, acanto (a  
folha de acanto) o motivo característico  
dum estilo arquitectónico - isto é helena  
plástica - labirinto, eumaranhamento.  
Logo eu quero tratar, entendo que se devem  
tratar, coisas eumaranhadas, erquidas  
e eufinitas, fantásticas e ao mesmo  
tempo erenepir - helena plástica nas  
frescos. Não trabalhar só com edies -  
trabalhar também com o eon das frescos.  
Não erenepir só - edificar - elas cabem  
pois sei que um espirito eon o eon  
emprende melhor tudo isto do que  
o proprio que as erenepir. E eon  
para não ser eon o eon Ramos...

dar melhor a ansia, a pertun-  
 bação. Vidas como estas não  
 se apreciam, veneram-se. Devo-lhe  
 dizer que a Vol de Deus me agrada  
 muito mais e que se cabe na classifica-  
 ção em q' o englobei com o "Brazo  
 sem corpo" é, quanto a mim,  
 por causa desse verso magistral:  
 "O universo eu conto". As três  
 ultimas estrofes acha-as três  
 inferiores ao restante, mesmo como  
 eu conta a beleza do "sermão em  
 te eu sou eu". A interogação  
 sobre "deu e' este archote, que  
 não tem o guia", é muito boa,  
 quasi nada em face do resto.  
O resto nunca se viu. Archotes.  
 a fulgurar em não se conhece da  
 facha quem ostenta visto. Em  
 sumo: genial, maravilha completa,  
 sem uma queda é o Brazo sem  
 corpo; poesia de valor em dois versos  
 admiráveis e um genial a segunda.

Em ambas as poesias você faz  
o que eu explico durante e  
um verso feio quanto á forma: For-  
çar os torlhos aladamente.

Seu meu caro amigo a minha  
opinião séncera, completa. Só lhe  
rogo que as palavras que eu escrevo  
não o façam ser indulgente  
pa os meus escritos. Eu tenho um  
medo horrivel do elogio mutuo.

---

Ainda ácerca da minha poesia  
lhe quero dizer o seguinte:

Eu sei que você enou a 1.<sup>a</sup>  
parte e eu mesmo reprovoo a maneira  
em que ela é talhada. Mas não podia  
deixar de ser assim. ~~Ela não é com~~  
~~efeito~~ Com efeito o que eu sobretudo  
quis dar foi a antithese entre  
a arte real (1.<sup>a</sup> parte) e o idealismo  
(2.<sup>a</sup>). Dai propriamente nasceu

Repito: Não dou importância alguma aos  
meus versos. Como ha escritores que nas suas  
horas vagas são pintores eu, nas minhas  
horas vagas sou poeta — na expressão  
de escrever rimadamente, apenas. Eis tudo.  
Se não desgosta deites qua tras é pelo que  
eles dizem, não pelo que das cantam.  
Logo a sua opinião inteira e rude —  
despida de perifrases, de todas as perifrases  
você tratar-se de um novo dilettantismo.

Felizmente ando agora em forças  
literarias. Elluctivamente lhe enviarei  
o homem dos sonhos (dentro de 3 semanas  
ou um mês, entanto). A seguir incluirei  
o Alem. As suas notas sobre o frecho  
que lhe enviei são justificadissimas e  
elas vão-me bem para a apuração  
genial do seu espirito. Desagradava-me,  
não sabia porquê a frase "lá estava aquela"  
ter de ser lida e par. Você explicou-me  
porquê. Cortei-a simplesmente. Quanto  
à frase "que me sorria tão perto" — já  
a enciclopedia para "que simmeltava a ta"

São perto. "Um pouco mais e brotar-  
hiam asas," é que eu ainda estimo  
um pouco. Mas você está de fora,  
e deve ter razão. Entretanto não rejei-  
tem o prosaísmo dela; achando  
interessante ainda esta maneira de  
expressar uma alegria infinita,  
um entusiasmo dourado. Você, pegando  
de joelhos, nunca faça "Cenonias," nunca;  
deixe-me sempre o que pensa sem  
medo. É isso que eu quero e dá-me  
che agrado. É o maior serviço que  
me pode prestar. Se soubere como eu  
estimo o seu espírito, como enquadro  
mente o corpo... Hosi, meu querido  
Fernando, você é uma das pessoas  
que mais estimo — não que mais  
estimo espiritualmente — que  
mais estimo, num todo. Portanto,  
fale-me como a si próprio. Do "Além"  
já tenho outro trecho — o começo da  
queda — que me agrada muito mas  
não enio hosi por ainda não estar —

bem, a beleza - o futuro. Logo...  
 A ideia é outra... Mas por te novamente  
 outra? Ela é exteriormente apenas  
 outra... As ideias no fundo  
 diferem pouco... Para quê? Para  
 quê?... É uma evolução honesta  
 um cuidado ao custarmos que  
 o mais próximo, o mais semelhante  
 a nós — é o nosso adversário. Está  
 a cheirar pelo — aliás permanentemente  
 explica-se por isso.

---

Aqui agora existe o intervalo

---

2 horas após, tudo já está

Acerca dos seus veros eu tenho medo  
 de falar. Por dois motivos extremamente  
 simples. É que precisava de che-  
 gadas tais coisas, tais palavras que  
 o meu amigo — a força de grandes —

poderia, na sua modestia, julgar  
exagerados ou então, paga os  
seus elogios que eu sei muito  
sinceros. Isto seria horrível.

Os seus <sup>versos</sup> meu querido Fernando  
são uma maravilha, agrid-me,  
creia-me, por amor de Deus  
faça-me a justiça de acreditar  
e de acreditar que o attingo, e  
sobretudo que sou sincero. O Brago  
seu corpo, é uma das coisas  
maiores, mais perturbadoras, extre-  
humanas - infinitas, ampliadas  
que eu conheço. É bem o que nos  
meus versos eu quero que o artista  
seja. Os dois 1<sup>os</sup> versos ~~da~~  
~~antes~~ das duas 1<sup>as</sup> quadros são  
coisas estranhamente admiráveis mas  
sobretudo a última estrofe fez-me  
tremor num calafrio hallucinador  
de beleza e de mistério. Eu creio  
que dificilmente se pode debaixo  
em mais profundeza o desenhado,

convincentemente desbravado e o assunto  
hoje abundar. Por seus admiráveis  
versos falo mais longe pois tendo  
que dar breves aos intervallos a esta carta,  
é preferível falar de coisas umas impor-  
tantes aqui. Logo o espirito estera  
mais decausado.

---

Reflexões de umas estatísticas  
interessantes.

Pela 1ª vez na minha vida tive  
o caso de experimentar temperaturas  
em 5 haixas  $0^{\circ}$  a  $-4^{\circ}$ . E quer  
saber? A sensa que tirei foi de  
não ter frio. Mas simplesmente  
de o ver, de sentir dentro de  
mim um elemento novo que  
seria o frio - o Frio - mas  
que não me esfriava a  
carne. E ao ar, eu via o  
frio - como aliás nos dias de  
grande calor, em Lisboa, ~~se~~  
tendo visto o calor - então

o zinto tem como calor, e  
 aã dentro de mim como "coisa", —  
 segundo constatei com o frio.

A respeito destas "coisas", que  
 sentem em nós deo. the dizer que  
 por vezes me parece que dentro  
 de mim falta uma coisa, uma  
 coisa q' os outros têm. E daí talvez  
 as minhas horas descorajadas,  
 abomináveis. ~~parece~~ Inexplicavelmente,  
 esta coisa que me falta parece-me  
 ser — um ponto de referencia —  
 e propriamente saber explicar  
 o que quero exprimir com esta frase.

Vi outra noite na Comedia  
 Francesa o celebre Antony do  
 H. Tennes — marco do ultra-romanti-  
 smo. Foi horrivel a impressão  
 que trouxe desse espectáculo. Naquella  
 turbaneta de tiradas grandiloquas,  
 na "demasiada" scena final, no decan-  
 taço "Esta mulher reirtria-me, assim".

hei-a e em tudo isso que faz assomar  
 um sorriso ao espectador d'hoje e  
 que outrora provocava torrentes de  
 lagrimas sobre o gatilheiro d'orgulho  
 em tudo isso, de longe em longe, em  
 outra beleza — uma beleza parelha  
 daquelle que nós amamos — uma  
 ampliação, um paucamento no  
 infinito, no amf, na irrealdade  
 — logo, no alem — pela exageração  
 ultima da realidade. E assim, um  
 remoto elo de parentesco entre o ultra  
romantismo e nós (não entre o  
 simples romantismo e nós). Apenas  
 ch'os construímos ideal, em ideal  
 e eles só se serviam do real. Procu-  
 diam do exterior. Não vivemos  
 no interior, no fico. Isto parece  
 disparatado, não é verdade? Entretanto  
 eu creio não disfarçar. Se você assistir  
 a representação (a simples leitura não  
 basta) desta obra — que hoje só  
 vale como "historia retrospectiva" do

teatro, em julgo que você me  
compreenderia.

Já que entramos na Comedia  
Francesa, sempre o levo ao  
Odéon para antes de uma c'ria  
mto bela que encontrei num peda  
dum extracato, André Fernet, inti  
tulado "La Maison Divisée" e  
dada ao publico exclusivamente  
literario das matinees de sabado.  
Trata-se do seguinte: Dois adversa  
rios combatem por dois c'ideais total  
mente opostos. Vencedor e vencido,  
vistos em frente. O vencedor pode  
afora e enajar o vencido; o vencedor  
desprezar o vencido. E pouco a pouco  
vêem que não tem esse direito:  
Elles estão mto proximos um do  
outro — são os que estão mais  
proximos. Elles lutaram em a mesma  
manga, o mesmo rigor, a mesma  
consciencia. E no fundo, o objecto  
que poraquiam era o mesmo — o